

O descobrimento

MARIO CESAR FLORES*

Um estranho espetáculo de circo dos 500 anos do Descobrimento foi protagonizado por índios e por uns tantos autoproclamados intérpretes e defensores dos índios.

Enquanto manifestações de protesto contra as comemorações dos 500 anos, elas não passaram de "bobagens" por vezes incômodas por suas perturbações localizadas, embora inócuas, para o bem e para o mal. Mas resta a hipótese de que a festiva condenação sensacionalista foi instrumento de tumulto sociopolítico, inspirado e conduzido menos pelos índios e mais por aqueles intérpretes e defensores, nacionais e estrangeiros, que jamais abririam mão de quaisquer confortos proporcionados pelas revoluções científica e industrial dos últimos 500 anos que, a levá-los a sério, não devem ser estendidos aos índios, cuja vida seria melhor sem eles.

O festival de manifestações dos índios pouco tem a ver com a realidade objetiva da história e com a subjetiva, atual, dos índios. Não passa pela cabeça de ninguém mentalmente sadio, e muito menos pela cabeça dos tatata...ranetos dos índios que aqui viviam em 1500, uma marcha a ré histórica tão absurda quanto impossível, que os levasse a algo próximo dos hábitos e valores culturais de então. Ou será que uma incrível memória genética realmente ainda os mantém seduzidos pelo século 15? O mais provável é que o saudosismo é uma farsa cultivada à margem da

realidade histórica e antropológica, haja vista a entusiasta adesão aos bons e maus costumes do mundo não-índio, quando livres da patrulha dos intérpretes de suas vontades.

É evidente que a história está cheia de erros, entre eles as pesadas penalizações impostas aos povos nativos das áreas colonizadas pelo expansionismo europeu. Infelizmente isso não tem correção retroativa, como tampouco têm, por exemplo, a Inquisição e o holocausto nazista, que aconteceram na "civilizada" Europa. Mas é grande a distância racional, livre do destempero ideológico, entre o reconhecimento dos erros do passado e a condenação das comemorações dos 500 anos – que, diga-se de passagem, não estiveram imunes à "chatice", haja vista as vulgaridades supostamente enaltecidas do Brasil, expressas diariamente em *flashs* de poucos segundos de TV, felizmente encerradas com a chegada do 22 de abril.

Francamente, por que estariam os índios do ano 2000 contrariados com o Descobrimento de 1500? Os que têm se manifestado de conformidade com o *script* contestador, portando arco e flecha e usando *jeans*, bermudas e relógio de pulso, trazidos às capitais por ônibus (quem paga a logística da contestação, dinheiro nacional ou estrangeiro, de fonte religiosa ou secular?), dominam bem todos os ângulos e supostos significados e pretensões de suas manifestações?

Sejamos sinceros e realistas, sem concessões à síndrome do "politicamente correto": por mais que a evolução histórica justifique reparos, seu

saldo é positivo. É válido perguntar, portanto: com os cuidados que preservem os valores culturais passíveis de convivência tranqüila com os gerais (ninguém medianamente sensato pensa em pôr fim às manifestações religiosas da cultura negra, por exemplo), os índios atuais, tão brasileiros como os brancos e negros brasileiros, não seriam mais bem atendidos pela absorção, com o usufruto socialmente justo do saldo positivo do progresso, sem *apartheid* racial?

Tudo sugere que sob as perspectivas tanto objetiva (o saldo positivo da história) como subjetiva (o interesse dos próprios índios) não existe justificativa racional para a condenação (o quanto por convicção, o quanto por indução inspirada por quais interesses?) de 500 anos do nosso passado de erros e acertos, que produziram o que somos e temos e que os índios "não envenenados" provavelmente querem ser e ter. No fundo e voltando à hipótese mencionada no início, é lícito supor que o festival contestatório não é espontâneo, é menos do interesse dos índios e mais da "vanguarda" nacional e estrangeira que, de barriga cheia e vida ganha, pretende tumultuar, usando os índios, interessa aos que se afirmam paladinos da causa indígena, como interpretada por eles, mas acabam contribuindo para perpetuar o estado de marginalidade, de exclusão e indigência rural em que a maioria dos brasileiros de etnia índia se encontra.

*Almirante-de-Esquadra da Reserva

